

A ADAPTAÇÃO NO BERÇÁRIO: UM PERÍODO DE APRENDIZAGEM

Pinto, Flávia Cristina¹; Martin, Mara Westin Lemos²

¹UNIP / ICH (Instituto de Ciências Humanas). Psicologia, Rod. Presidente Dutra, km 157,5 - Pista Sul, São José dos Campos - SP, cristalii@hotmail.com

²UNIVAP / IP&D (Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento). Pedagogia / Normal Superior, Av. Shishima Hifumi, 2.911, Urbanova, São José dos Campos, SP, mwl.martin@gmail.com

Resumo- Esse trabalho propõe-se a analisar sobre as concepções de uma professora de berçário, de forma a compreender sua postura de mediadora em sala de aula, durante o processo de adaptação de bebês no espaço educacional. Aborda, assim, sobre a prática dessa professora, enquanto profissional, que domina os conhecimentos da área e da faixa etária trabalhada, considerando o desenvolvimento cognitivo de crianças de zero a dois anos de idade, adaptação de pais, professores e rotina. Abordamos a necessidade de pais e professores estarem sintonizados com seus sentimentos, pois são os mesmos que proporcionam à criança a segurança necessária para se adaptar ao novo ambiente. O presente trabalho trata-se de um estudo de caso, realizado por meio de entrevistas recorrentes abordando a rotina do professor na família e na escola com questões semi-estruturadas. Assim, nesse processo, cada um deve ter seu papel para que a criança se adapte com tranquilidade a tudo de novo que está acontecendo. Família e escola precisam estar atentas e dando apoio ao trabalho do educador.

Palavras-chave: Adaptação, Berçário, Creche, Pedagogia, Família, Vínculo afetivo

Área do Conhecimento: VII - CIÊNCIAS HUMANAS

Introdução

Acredita-se que as experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções em sua vida adulta. Logo, a qualidade dos laços afetivos é muito importante para o desenvolvimento físico, cognitivo e, especialmente, social da criança.

O bebê, nos primeiros anos de vida, já começa a construir as expressões faciais, assim como, o choro, o sorriso e os movimentos, que por sua vez, possibilitarão ao bebê se comunicar com o outro. Assim, as situações cotidianas são momentos privilegiados de afeto, socialização e aprendizado.

Parece claro que é responsabilidade do professor tornar o ambiente em que a criança permanece o melhor possível, para que ela se desenvolva saudável e feliz. E é visando uma perspectiva de que a criança é um ser integral que o presente estudo surgiu. Mantivemos o foco no trabalho de educação com crianças nos primeiros doze meses de vida, em um berçário da rede particular.

Nossa pesquisa se concretizou com a entrevista recorrente de uma professora do berçário I, que trabalha com crianças de três a oito meses de idade.

Considerando o contexto desse estudo e a análise que dele emergiu, mesmo não sendo passível de generalização, servem como

importantes sinalizadores de como se dá o processo de adaptação, partindo da prática e experiência do professor.

Dessa forma, observar as concepções do professor em relação ao educar de crianças pequenas tornou-se uma experiência rica em possibilidades de interpretação da sua prática de sala de aula.

Para que o período de adaptação seja, um momento construtivo e prazeroso, a instituição deve propiciar um ambiente acolhedor e familiar, que transmita à criança e aos pais confiança e segurança, garantindo oportunidades para que sejam capazes de relacionar-se diariamente com seus professores, crianças e demais funcionários da instituição, expressando e demonstrando suas necessidades, sentimentos e interesses.

Segundo Meneghini (2003), são as relações estabelecidas que despertam no aluno os sentimentos de solidariedade, cooperação e o prazer de viver em grupo, desenvolvendo sua aquisição de conhecimento, seus valores, sua crítica, além de, sua postura diante da vida, contribuindo para o desenvolvimento do sujeito em sua totalidade.

Portanto, esse trabalho propõe-se a analisar as concepções de uma professora de berçário de forma a compreender sua postura de mediadora em sala de aula, durante o processo de adaptação de bebês no espaço educacional.

Metodologia

O presente trabalho foi realizado por meio de entrevistas recorrentes que se pode definir, como uma interação entre sujeito e pesquisador, relação dialógica, interativa e partilhada, construindo assim, a resposta do objetivo a ser alcançado.

O sujeito reflete suas representações, o que pensa e como age em relação ao objeto em foco, e o pesquisador busca identificar a sua compreensão sobre o significado do que foi narrado, caracterizando-se um movimento do pensamento para a palavra e da palavra para o pensamento.

Realizou-se um estudo de caso, o qual pudemos, por meio da técnica escolhida, analisar as concepções de infância e educação, presentes em um professor de educação infantil, estabelecendo assim as relações que esse professor tem da adaptação da criança em sala. As entrevistas foram baseadas em temas que abordaram a rotina do professor na família e na instituição escola, isto é, aspectos relevantes de sua vida pessoal e profissional. Foi realizada uma entrevista com a profissional, com questões semi-estruturadas. O sujeito pôde falar livremente de pontos relevantes para ele e para a pesquisa.

No momento seguinte o sujeito recebeu a transcrição para verificação e correção, tendo liberdade de retirar ou corrigir qualquer diálogo presente na transcrição.

As informações obtidas foram analisadas e compiladas em respostas diretas as hipóteses anteriormente elaboradas.

Resultados e Discussão

Escolhemos para essa discussão questões que nos possibilitasse estabelecer uma relação entre a prática desse profissional paralelamente com o seu conhecimento da área. Cada questão abordada nos remete a uma reflexão do quanto nossas opiniões, formações e descobertas nos auxiliam na educação formal de crianças menores de três anos.

Segundo a professora participante, a rotina de um berçário requer responsabilidade, preparo, conhecimento, atenção, respeito, prazer e constância. A escola necessita contar com profissionais especializados em cada um dos importantes setores, mesmo que um deles ainda não seja plenamente satisfatório.

Ainda segundo a professora a educação infantil deve ter como objetivo principal formar cidadãos, pessoas que sintam parte do todo e que estejam engajadas em busca das melhorias necessárias, conhecer o momento com o qual se trabalha é fundamental para um bom desempenho do trabalho.

Muitos estudos já se dedicaram aos aspectos relativos ao desenvolvimento infantil.

Dentre eles, temos os de Piaget que acredita que o desenvolvimento se dá de maneira contínua desde o nascimento.

Segundo Piaget (apud Woolfolk, 2000), no início, a criança ainda não representa internamente e não estabelece os conceitos. O seu pensamento é constituído pelas suas sensações (sensório) e movimentos (motor), ou seja, ela descobre as propriedades dos objetos do seu ambiente manipulando-os. Piaget descreveu vários estágios do desenvolvimento, onde, cada estágio é constituído sob as estruturas do estágio anterior e isto significa que cada etapa é um pré-requisito para o estágio seguinte.

Segundo Silva et alii (2001), o desenvolvimento abrange processos fisiológicos, psicológicos e ambientais contínuos e ordenados, ou seja, segue determinados padrões gerais.

Segundo a professora, o comportamento expresso pela criança durante o período de adaptação indica o estado emocional, resultante de uma série de sentimentos desenvolvidos desde os primeiros meses de vida até o seu ingresso na escola. O produto de sua relação com a mãe, influenciado a partir daí pelos sentimentos desta, relacionados ao significado que possa ter para ela a separação de seu filho, apresenta, como conseqüência, a entrega dele a um terceiro; a escola.

Segundo Severino (1998), durante toda a sua vida, o ser humano tem que se ajustar às mudanças causadas pelas transformações do seu próprio corpo e pelos fatores do meio em que vive, e isto depende de dois aspectos básicos: maturação e aprendizagem. Em um dos relatos da professora, é importante que a mãe tenha confiança na escola escolhida e conte com o apoio da equipe multiprofissional que lhe dará condições emocionais necessárias para que a criança se sinta segura, permanecendo assim por certo período do dia afastado de sua mãe. Para que mãe, filho e professor tenham tempo de se conhecer e estabelecer um clima de segurança, sugere-se destinar dois ou três dias para a mãe participar dos cuidados de seu filho, enquanto observa como outras crianças são tratadas pela equipe escolar. Geralmente, a criança, em poucos dias, sente-se segura aceitando o novo ambiente e às pessoas com quem conviverá, na verdade a adaptação, se dá muito mais pela falta de experiência e conhecimento técnico da mãe que pela necessidade do filho.

Segundo a participante, em alguns casos, a criança, mesmo após este período, continua apresentando uma reação de ansiedade. Segundo a professora, não é aconselhável deixá-la à força, devendo-se então prolongar o período de adaptação, dando tempo à criança para que ela possa desenvolver a confiança necessária nos adultos e no novo ambiente.

A mãe, tendo confiança no berçário, geralmente se sente segurança na separação, e esse sentimento costuma ser transmitido à criança. Entretanto, o período de adaptação varia de criança para criança, e deve ser avaliado individualmente.

Para que a creche seja um ambiente acolhedor para a criança, é necessário à interação de todos, formando uma equipe e tendo como prioridade a qualidade de vida das crianças atendidas para que a adaptação aconteça de forma natural e gradativa. Nesse processo, cada um tem seu papel para que a criança se adapte com tranquilidade a tudo de novo que está acontecendo. Família e escola precisam estar atentas e fornecer subsídios para uma melhor ambientação.

Segundo Oliveira et al. (2000) o amadurecimento não pode ocorrer no vácuo, por isso pressupõe as condições ambientais normais, que possibilita ao bebê sua concretização. A maturidade ocorre no momento em que o organismo está pronto para a execução de determinada atividade e não se limita ao adulto. Em qualquer fase da vida, podemos falar em maturidade. Por exemplo, a criança que anda com um ano de idade, apresenta maturidade nesta função, porém não existe apenas maturidade física, mas também maturidade mental, social, emocional e sexual, enfim maturidade geral da personalidade.

Muitas vezes, e na maioria delas segundo a professora, essa adaptação não é só da criança. Os pais, ansiosos ao ver seus filhos, pela primeira vez no papel de aluno, sentem-se inseguros. Precisam ser acolhidos para que possam, também, adaptar-se a essa nova situação que envolve a família.

Ao escolher a escola de seus filhos, geralmente há todo um trabalho de pesquisa.. Pensam, refletem, conversam, ponderam e decidem.

Se tudo isso acontece, por que ficam ansiosos? Porque nesse momento surgem dúvidas sobre terem efetuado a escolha correta. Tudo isso faz parte do processo. O que não é assimilado pelos pais é que nada é definitivo e poderá ser revisto, se necessário.

Segundo a professora quando a família apóia a criança, procurando tranquilizá-la, tudo é mais fácil. Muitas de suas expectativas se dissipam logo no início, ao conhecer as pessoas que cuidarão de seu filho. Portanto, sua presença e participação nesse começo são imprescindíveis.

É interessante que a escola nesse momento procure conversar, ouvir os medos e os receios desses pais. A professora nos relatou que falar sobre o assunto pode ajudar, relembrar a infância; seu primeiro dia de aula. Contar casos e fatos para esse pai, pode lhe dar mais segurança.

É interessante que os pais acompanhem o filho no primeiro dia, destacando o lado positivo de tudo o que está descobrindo. Conhecer e conversar com a professora pode transmitir a ele tranquilidade por deixar seu filho em mãos seguras.

A relação de confiança entre família e professor acontece aos poucos. Decorre do conhecimento adquirido e das observações sobre a nova escola. É interessante dar um tempo para que essa relação se estabeleça e perceba que o mesmo deve ocorrer com a criança. Se o professor se mostrar inseguro ou ansioso, os reflexos dessa insegurança serão inevitáveis.

Baseada em sua experiência a professora diz que pais presentes vêm a escola como parceira e atuam juntos para que a criança sintase segura e feliz.

A professora também afirma que a adaptação da criança está, geralmente, na dependência da orientação do educador, que deve conhecer suas necessidades básicas, suas características evolutivas e ter informações quanto aos aspectos de saúde, higiene e nutrição infantis. Segundo a professora, é interessante que todas estas informações sejam passadas para os pais em entrevista prévia com a direção. Sendo assim, a socialização da criança desenvolve-se harmoniosamente, adquirindo superioridade sob o ponto de vista da independência, confiança em si, adaptabilidade e rendimento intelectual.

É freqüente o aparecimento de sentimentos por parte dos pais, de culpa, insegurança, ansiedade e ciúmes pelo "abandono" do filho na escola.

A grosso modo, até os sete meses de idade, não há apresentação de problemas de adaptação, pois o bebê não distingue, visualmente, a sua mãe de outros adultos estranhos, é por isso que a partir dos oito meses, verifica – se o estranhar (nível de maturação que permite ao bebê distinguir a diferença visual entre o conhecido e o desconhecido). Nessa época a adaptação pode ficar mais difícil e levar alguns dias. É por esse motivo que a professora sugere, dois ou três dias para adaptação da mãe.

Nesse aspecto observamos que mesmo que algumas crianças ingressem na escola com facilidade, não é de estranhar que outras, inicialmente, se sintam inseguras em um ambiente novo e diferente. Estes sentimentos são normais e é por isto que as escolas geralmente proporcionam um período de adaptação, auxiliando a criança a se acostumar lentamente, sem se sentir abandonada pela família.

Segundo a professora é preciso que os pais examinem os sentimentos que neles desperta o ingresso do filho na escola. Freqüentemente, as dificuldades da criança em se adaptar à escola estão associadas às angústias dos pais diante da separação e crescimento do filho.

Os pais também devem avaliar como eles se sentem em relação à escola, pois se não confiam nela, fica mais complicado a criança sentir-se tranqüila neste novo ambiente.

Desta forma, a família também tem o importante papel, neste período, de facilitar o processo de adaptação.

Portanto, uma colocação significativa da professora é que não são os medos e as recompensas que fazem a criança ficar na escola, mas o sentimento de que estar na escola é bom para ela. Frente a isto, a família ajuda a criança a se adaptar na escola quando transmite verdadeiramente que a escola é algo positivo e prazeroso em sua vida.

Uma questão a ser considerada é que a adaptação escolar não ocorre apenas no início da escolarização. É preciso que a família e a escola estejam atentas ao impacto de mudanças, tais como, troca de escola e de sala, já que a adaptação ao novo ambiente também deve ser observada com atenção e especificidade.

O berçário em que nossa participante trabalha nos remeteu a idéia de ser um lugar especial, para crianças de zero a três anos, onde se encontram conhecimento, competência, experiência, organização, disciplina, dedicação e afetividade, que, conjuntamente, atuam na importante missão de promover e acompanhar o desenvolvimento de uma criança.

Por meio da atuação de uma equipe com qualidades específicas: direção, coordenação, pedagoga, nutricionista, e principalmente o professor, além de outros profissionais altamente treinados e habilitados para oferecer o atendimento de qualidade necessário para a execução destas estimulações, acreditamos que essa instituição, está preparada para atingir, plenamente, o desenvolvimento das crianças e atender as necessidades familiares, com ênfase nas necessidades básicas dos bebês de zero a três anos, atendendo-os efetivamente com rotina, organização e hábitos saudáveis, respeitando suas individualidades e oferecendo-lhes estímulos adequados à sua faixa etária.

Conclusão

Apresentamos aqui um trajeto de olhar e de escuta que possa trazer, para o debate atual, espaços extremamente relevantes, que abrigavam experiências solitárias e compartilhadas, de dimensões variadas, estabelecendo um exemplo comum para muitos padrões culturais da educação, que ganham e dão formas à inventividade da educação infantil ainda hoje.

Espaços do berçário, que passam pelos pensamentos dos professores em relação a suas práticas e contribuições para o desenvolver de uma criança menor de um ano de idade. Esses

espaços que se fazem como processos, ora complementares, ora contraditórios, em busca da descoberta da sua real função de um lado, e de seu compromisso de aplicar regras não compreendidas para o mundo da infância do outro. Espaços em que adultos e crianças, como parceiros sociais, brincam e aprendem por meio das mediações com o outro, que ensina e faz junto, numa construção compartilhada que coloca o berçário como espaço de educação de crianças e de adultos.

Nesta viagem sem, receitas, observamos o quanto é intenso, complexo e fascinante, as experiências vividas com a criança. Um exercício que parte da tentativa de concebê-la em sua perspectiva de constituição de sujeito que constrói história e cria cultura.

Desenvolvendo junto com outros profissionais os princípios éticos, de respeito e cuidados com a criança como indivíduo em formação e crescimento, acreditamos no construtivismo como proposta pedagógica, considerando o desenvolvimento afetivo, emocional, social e cognitivo da criança, buscando uma educação compromissada, assegurando um processo rico em interações, construção de conhecimentos significativos e de cidadania, independência, autonomia e auto-estima nas crianças por nós educadas.

Referências

- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil*: Formação Pessoal e Social. Brasília: MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. *Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil*: Introdução. MEC/SEF. 1998.
- **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. Lei federal 8.069/1990. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de São José dos Campos. São Paulo.
- OLIVEIRA, Vera Barros (organizadora). O Brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000
- SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 17, n. 2, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000200005&lng=pt&nrm=iso
- WOOLFOLK, Anita E. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre. Artmed. 7.^a ed. 2000.
- SEVERINO, A. J. The production of knowledge, teaching/learning and education. *Interface. Comunicação, Saúde, Educação*, v. 2, n. 3, 1998.